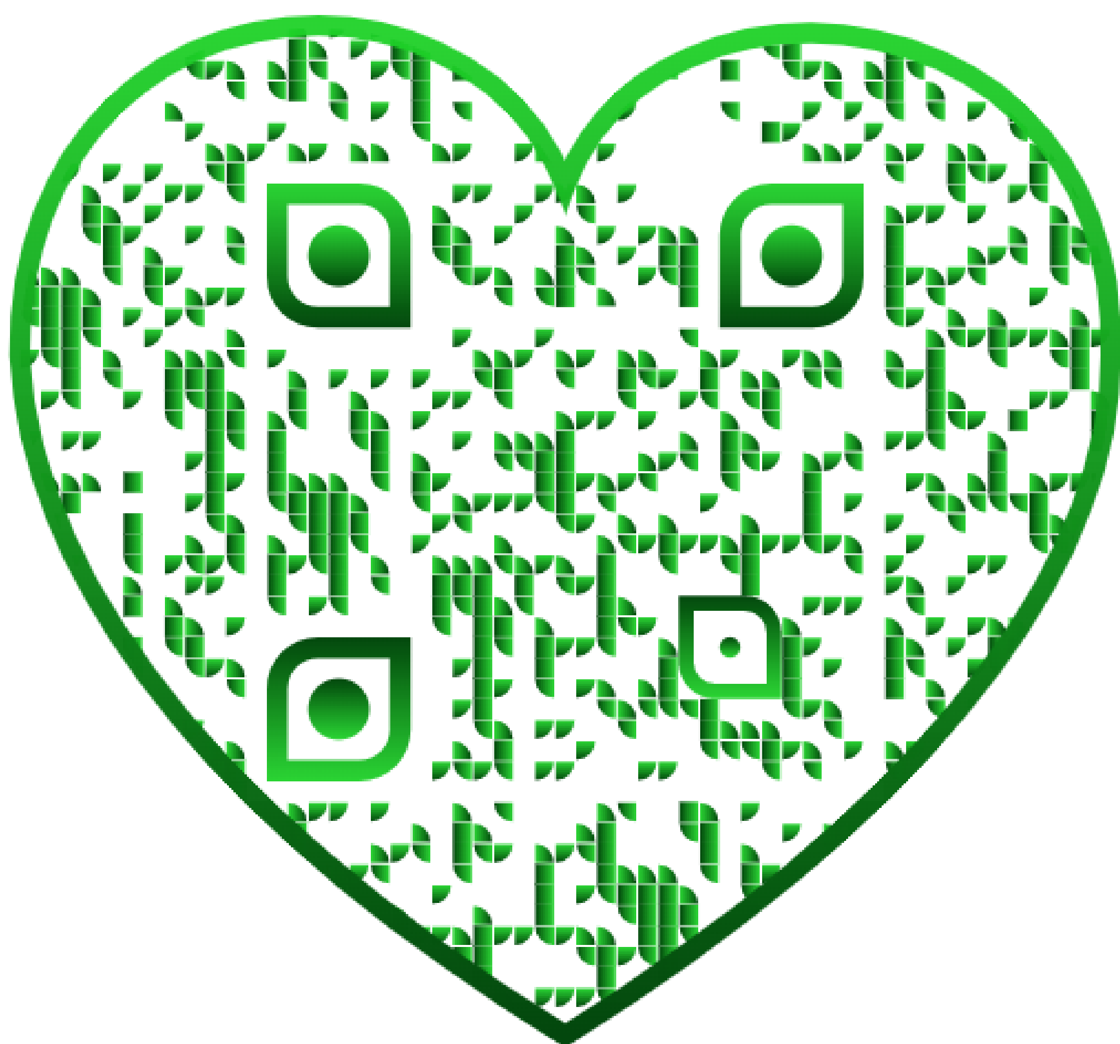
DIAS SOMBRIOS

the MURDER notebooks

ANNE CASSIDY

ROCCO DIGITAL



DIAS SOMBRIOS

the MURDER notebooks

ANNE CASSIDY

ROCCO DIGITAL

SUMÁRIO

Capítulo I

Capítulo II

Capítulo III

Capítulo IV

Capítulo V

Capítulo VI

Capítulo VII

Capítulo VIII

Créditos

A Autora

I

Desde que sua mãe sumira, Rose Smith tinha de fazer tudo sozinha.

— Você já arrumou as malas? — perguntou Pat.

Rose assentiu. Uma de suas bolsas, uma mochila cor-de-rosa com glitter, estava no chão, perto dela. A outra, uma mala pequena, estava perto da porta da frente. Dentro, ela colocara roupa suficiente para quatro dias. Até lá, sua mãe já teria voltado. Pat, a policial que vinha ficando com ela e Joshua, lhes dissera que poderia buscar mais coisas se precisasse. Mas Rose não precisaria. Tinha certeza. A qualquer momento nos próximos dias receberia uma ligação contando que sua mãe, Kathy Smith, tinha aparecido junto com o pai de Joshua, Brendan Joshson. Então os dois voltariam para casa e a vida seria como antes.

Esperar qualquer outra possibilidade era impensável.

— Alguma novidade? — perguntou Rose.

Pat estivera falando no celular um pouco antes e Rose pensou que talvez tivessem descoberto algo novo. A policial balançou a cabeça em negativa e pegou a própria bolsa, que estava no sofá junto a alguns travesseiros e um edredom dobrado.

Eles aguardavam um carro vir lhes buscar para Joshua e Rose ficarem com Paul e Alice Towsend, o casal do lar provisório. Rose não tinha parentes — nenhuma tia, ou tio, nenhuma casa para onde pudesse ir. Joshua tinha um tio que morava em Newcastle, mas continuava inflexível. Queria ficar com Rose.

A casa era perto dali, dissera Pat, a apenas quinze minutos de caminhada, mas iriam de carro por causa das malas.

Nos primeiros dias após o desaparecimento de Kathy e Brendan, Rose e Joshua receberam várias informações. Os pais eram policiais que trabalhavam com casos antigos não resolvidos e frequentemente investigavam crimes perigosos. Na noite em que desapareceram, os dois tinham saído para jantar em seu restaurante preferido e simplesmente não voltaram para casa. Pat, a policial responsável pela comunicação com a família, contou que o casal pagou a conta e foi embora. Ninguém mais os viu desde então. Algumas possíveis testemunhas foram entrevistadas. E os interrogatórios começaram. A polícia seguia novas pistas e checava os casos antigos em que Brendan e Kathy estavam trabalhando. Rose imaginava a delegacia de polícia fervilhando de atividade.

Todo aquele trabalho e lá estavam eles, dias depois, sem uma única pista do que havia acontecido.

Seus pais tinham desaparecido.

Rose estava surpresa e horrorizada ao mesmo tempo. Às vezes imaginava sua mãe e Brendan na rua, fechando a porta do restaurante e entrando em algum portal, deixando para trás a vida que conheciam e indo para... onde? Algum universo alternativo? Outra existência? Tentara explicar aquilo a Joshua, e ele dera uma gargalhada: não uma gargalhada sincera, mas fingida. *Há-há!* Então ela não falou mais nada.

Ninguém vira coisa alguma. Eles deixaram o carro na esquina do restaurante, e seus filhos ficaram nos quartos se perguntando por que não tinham voltado para casa.

— Você está pronta, Rose? — perguntou Pat. — O carro deve chegar em um minuto.

Rose estava imóvel. Não, não estava pronta.

— Por que não podemos ficar? Sabemos nos cuidar.

— Não é permitido.

— E quanto à casa?

— Alguns policiais virão até aqui. Eles vão querer examinar tudo.

— E vão procurar pistas? — indagou Rose, esperançosa.

— Provavelmente.

Ouviram passos na escada. Eram lentos e pesados. Logo após cada passo, o som forte de algo batendo no degrau. Pat foi até o corredor e Rose a seguiu.

Joshua estava em pé ao fim da escada, com uma grande mala ao lado.

— Falei para levarem poucas coisas — disse Pat gentilmente.

— Preciso de tudo isso — rebateu Joshua, de forma brusca.

— Essa mala tem rodinhas, pelo menos?

Joshua negou.

— É uma mala velha do meu pai. Posso carregá-la.

Ele levantou a mala e Rose ouviu um som metálico.

— O que tem aí? Parece uma caixa de ferramentas.

Joshua não respondeu. Ouviram, então, batidas na porta da frente. Os dois se encheram de esperança. A maioria das pessoas usava a campainha, mas Brendan sempre gostara da aldrava. Duas batidas altas que podiam ser ouvidas do fim da rua.

Pat abriu a porta. Era um policial uniformizado segurando as chaves do carro.

— Prontos? — perguntou.

— Vamos — disse Pat.

— Esperem.

Rose pegou seu chaveiro em um dos ganchos perto da porta, com uma chave comum e uma de segurança. Preso ao chaveiro havia ainda um pequeno ursinho de pelúcia. Joshua lhe dera de presente semanas antes para evitar que ela continuasse perdendo as chaves. *É um ursinho!,* dissera ela. *Você não pode me dar brinquedos!* Mas ela o usava mesmo assim, para o divertimento de suas colegas de escola.

— Você não precisa disso — disse Pat.

— Preciso sim — retrucou Rose, agarrando as chaves com força e encarando Pat e o novo policial como se os desafiasse a tentar tirá-las dela. — Preciso para quando eu voltar. Quando mamãe e Brendan voltarem.

Pat lançou um olhar para o outro policial.

— Venha, Rosie — chamou Joshua.

E eles saíram da casa.

II

Depois de conhecerem Paul e Alice, os dois foram desfazer as malas nos quartos, que ficavam um ao lado do outro, mas o de Joshua era maior que o de Rose. O almoço sairia em meia hora, Paul avisara antes de deixá-los sozinhos.

Rose tirou o conteúdo de suas bolsas aos poucos. Sentou-se na cama e olhou em volta. Podia ouvir Joshua andar de um lado para o outro, então foi vê-lo. Sua mala fora deixada aberta no chão. Além de algumas roupas, ela viu um conjunto de chaves de fenda e chaves inglesas, e um relógio velho embalado em plástico-bolha. Rose nunca o vira antes.

— Eu o comprei numa venda de garagem. Meu pai gostou, eu ia consertar para ele.

Joshua estava usando um casaco grande demais para ele. As mangas tinham sido dobradas várias vezes.

— Quanto tempo você acha que ficaremos aqui? — perguntou ela.

— Eu não sei — respondeu Joshua.

— Uns dois dias? Uma semana?

— Não sei mais que você, Rosie — disse ele, a irritação evidente pelo tom de voz.

Rose sentiu os olhos arderem com as lágrimas. Ele olhou para ela e soltou o ar, exasperado. Aproximou-se e passou o braço em volta de Rose, puxando-a para um abraço.

— Eles *vão* voltar. Nós sabemos disso. Não nos deixariam sozinhos. Não mesmo.

Eles ouviram uma voz masculina chamar do andar de baixo.

— Rose, Joshua. Hora do almoço!

Eles não eram os únicos hospedados com Paul e Alice. Quando desceram, viram um garoto mais ou menos da idade de Joshua sentado à mesa, de casaco. Em frente a ele uma menina pequena chupava o dedão, os olhos grudados numa TV ao canto. Dava para ver as imagens, mas não se ouvia nada.

— Esta é Sally. Ela vai ficar conosco por algumas semanas enquanto a mãe está no hospital — disse Paul. — E este aqui é o Steven.

Nenhuma outra informação foi dada. Rose olhou para a televisão.

— Sally gosta de ficar com a TV ligada. Faz com que se sinta segura — contou Alice, colocando um prato de sanduíches na frente de Rose.

Steven comeu seus sanduíches sem dizer nada, deixando as bordas para trás. Quanto terminou, ele se levantou da mesa, colocou a cadeira no lugar com força e saiu.

— Até mais tarde, Steven? — gritou Alice, em voz alta enquanto ele se afastava.

Nenhuma resposta.

— Qual é o problema dele? — perguntou Joshua.

— Ele tem dificuldade de se comunicar com as pessoas — respondeu Paul. — Prefere ficar sozinho. Passa muito tempo cuidando de sua bicicleta. Pat contou que você gosta de consertar coisas, Joshua? Quem sabe você possa ajudá-lo?

Joshua se empertigou.

— Não vou ficar aqui por muito tempo. Vou voltar para casa em alguns dias.

— Bem, se mudar de ideia, a bicicleta está na garagem.

Rose observou Sally, que comia o sanduíche olhando para a tela silenciosa da televisão. A menina de repente se virou e encarou Rose com seus olhos azuis penetrantes.

— Sally vai para o segundo segmento do ensino fundamental ano que vem, Rose. Talvez você possa lhe contar como é — disse Alice.

Rose ficou irritada de imediato. Eles estavam tentando separá-la de Joshua. Queriam que ele fizesse amizade com o garoto calado e empurravam a menina estranha para cima de Rose.

Ela se levantou.

— Não estou com muita fome. Vou para o meu quarto.

Alice sorriu. Não ficou brava por Rose ter saído da mesa.

Lá em cima, Rose fechou a porta e se sentou na cama. Talvez esperasse ouvir os passos de Joshua vindo atrás dela, mas não houve sinal dele. Mais tarde, depois de se deitar e se sentar algumas vezes, e de arrumar suas coisas, foi até a janela. O quarto dava vista para o jardim dos fundos. Ela viu, no pátio, Joshua e Steven ao lado de uma bicicleta apoiada de cabeça para baixo no banco e nos guidons. Joshua estava agachado, e Steven girava uma das rodas.

Rose cruzou os braços e bufou de raiva.

Será que Joshua tinha esquecido por que estavam ali?

III

O telefone de Rose tocou às nove horas daquela noite. Estava ligado ao carregador e apoiado na pequena cômoda do quarto. Ela se levantou da cama e o pegou. Havia um número — não um nome — na tela.

— Alô?

Nenhuma resposta. Apenas silêncio.

Ela desligou e colocou o telefone na base. Franziu a sobrancelha e ligou de volta. O telefone não havia identificado o número. Ela se perguntou quem poderia ser. Tinha aquele aparelho desde setembro. O número de sua mãe, de Brendan, de Joshua, e os de algumas amigas da escola estavam gravados. Ninguém mais ligava para ela.

O telefone chamou por algum tempo, mas ninguém atendeu.

Ela ainda pensava sobre aquilo quando ouviu uma batida na porta. Então Alice abriu e perguntou:

— Só queria saber se você tem tudo de que precisa.

Rose fez que sim. Alice entrou no quarto. Usava uma calça jeans e uma blusa bem solta, além de várias joias. Ela tinha pulseiras nos braços e anéis em pelo menos três dedos. Também usava cordão e brincos. Rose não conseguia deixar de olhar para eles.

— Sempre uso vários acessórios — falou Alice, balançando os pulsos. — Eu ganhei todos esses dos meus filhos.

— Você tem seus próprios filhos? — perguntou Rose, surpresa.

— Estou falando dos filhos que passam um tempo aqui. São meus filhos. Às vezes ficam só por alguns dias, mas ainda assim penso neles como meus por aquele curto período de tempo. Sua estada aqui será temporária, Rose. Espero mesmo que seus problemas familiares sejam resolvidos.

Problemas familiares. Ela queria dizer o desaparecimento de sua mãe e Brendan.

— Os outros, Sally e Steven, vão ficar aqui por muito mais tempo. Os pais deles não estão desaparecidos, como os seus, mas é como se estivessem. Seja gentil com eles.

— É claro — respondeu Rose, assumindo uma postura rígida.

Alice sorriu para ela.

— Chame se precisar de alguma coisa. Queremos que esteja no seu quarto às dez. Você pode ver televisão ou ouvir música, desde que mantenha o volume baixo. Se acordar no meio da noite e precisar de alguém, pode bater na minha porta. Nosso quarto fica embaixo do seu.

— Obrigada, mas vou ficar bem.

— Boa noite.

A porta fechou na mesma hora em que o telefone de Rose voltou a tocar. Ela atendeu.

— Alô?

Ninguém falou nada.

— Quem é?

Já ia desligar quando algo a deteve.

Ela prestou atenção. O silêncio era como uma parede, mas por trás tinha certeza de que podia ouvir alguém respirar. Ela

pressionou o telefone na orelha e fechou os olhos para se concentrar.

Lá estava. Uma respiração. Inspirando e expirando. Havia alguém no telefone. Por um segundo ouviu seu nome sussurrado.

Rose.

— Mãe? — chamou ela. — Mãe?

A ligação foi encerrada. Ela agarrou o telefone com força.

Será que tinha imaginado os sons? Será que tinha ouvido apenas o que queria ouvir? Estava enlouquecendo?

IV

Eles entraram em uma rotina.

Acordavam entre sete e oito horas. Quando Rose acabava de se vestir, deixava Joshua no andar de cima, descia para o café e via Sally e Steven saírem para a escola. Uma van vinha buscar Steven, que saía sem se despedir. Alice levava Sally, que se arrastava para pegar a mochila, o livro de leitura, a lancheira e o casaco. Havia sempre um momento antes das duas saírem em que parecia que Sally não seria convencida a ir. Mas Alice era paciente e falava sobre os programas de televisão que ela poderia ver naquela tarde, quando voltasse da escola.

Quando saíam, Rose se sentava na cozinha e terminava o café, esperando por Joshua. Eles não tinham de ir à escola. Viviam numa espécie de limbo.

Paul trabalhava em casa. Rose podia ouvi-lo digitar o dia todo e, de vez em quando, falar ao telefone. Quando Alice voltava para casa, passava o tempo na cozinha e no jardim. Às vezes, Rose se aproximava e via que ela estava desenhando em um bloco pequeno e grosso. Alice deixava Rose ver os desenhos: quase sempre pássaros e plantas, mas vez ou outra havia xícaras, pires e jarros, todos tirados de um guarda-louças que ficava em um canto da cozinha.

Na maior parte do tempo, Rose e Joshua ficavam sozinhos. Isso era um alívio. Eles preenchiam os dias conversando, lendo, vendo televisão. Podiam cozinhar o próprio almoço e eram estimulados a ir a lojas e à biblioteca. Passavam muito tempo no

quarto de Joshua. Rose se sentava na cama enquanto o amigo consertava o velho relógio que levara com ele. A parte da frente parecia intacta — uma lua redonda com numerais romanos. O relógio estava parado às três horas e vinte minutos.

— Não está completamente quebrado — explicou Joshua. — Fica certo duas vezes ao dia.

— O que você quer dizer? — perguntou Rose, o rosto confuso.

— Às três e vinte da tarde e da madrugada ele está certo!

Rose pensou um pouco. Então percebeu que era uma piada.

— Entendi — disse ela, com um meio sorriso nos lábios.

Mas imediatamente as lágrimas vieram. Eles estavam fazendo piadas? Sua mãe estava desaparecida há quase sete dias e eles estavam rindo. Joshua não estava olhando, então ela enxugou as lágrimas e tentou se recompor.

A parte de trás do relógio estava solta, e havia várias peças do lado.

— Você vai consertar isso? — perguntou ela.

— Sim. Então vou dar para o meu pai quando ele voltar.

Seus olhos se encontraram. Eles pareceram conversar por pensamento. Os olhos de Joshua eram fortes, sérios. Rose confiava neles. Joshua sabia o que estava dizendo.

A cada dois dias, Paul ligava para a polícia do seu escritório. Rose e Joshua eram chamados lá. Rose se sentava em uma poltrona e Joshua ficava perto da porta. O aparelho ficava na escrivaninha de Paul. Era um telefone sem fio, então ele podia andar pela casa e ligar de qualquer lugar lá dentro. Mas preferia fazer a ligação dali. Ele pedia para falar com Pat Richardson, a

policial encarregada da comunicação com a família. Rose ficava completamente imóvel enquanto a conversa se desenrolava.

A escrivaninha de Paul vivia coberta de papéis, pastas e livros. Parecia que nada ali estava em ordem. Rose queria arrumá-la.

— Me pareceu promissor — disse Paul, colocando o aparelho no lugar. — Eles acham que encontraram uma nova pista.

— Sério? — perguntou Joshua, endireitando-se e entrando mais no escritório de Paul.

— Andaram pesquisando alguns dos casos antigos em que seus pais trabalhavam e acham que eles podem ter sido alvos de algum dos criminosos que vinham investigando.

— O que você quer dizer com *alvos*? — perguntou Rose.

— Ele quer dizer que as pessoas que eles investigavam, os criminosos, podem ter querido se livrar do meu pai e de Kathy — respondeu Joshua.

— Se livrar deles? Você está dizendo que podem ter *matado* os dois?

— Não, não foi essa a impressão que eu tive — disse Paul, depressa. — O palpite é que eles possam ter precisado sumir por um tempo. Se esconder.

— Então eles podem estar escondidos?

— Talvez. A polícia não encontrou nenhum...

— O quê? — indagou Rose, frustrada com o rumo da conversa.

— Eles não encontraram nenhum corpo, Rosie. Isso é bom. Talvez eles saiam do esconderijo quando as coisas esfriarem.

— Talvez — disse Paul.

Rose sorriu. Eles iam sair do esconderijo. E poderiam todos voltar à velha casa de novo.

V

Nos dias que se seguiram não houve novidade alguma.

— Nenhum corpo foi encontrado, Rosie. Essa é a coisa mais importante — disse Joshua.

Rose acabou ficando sem roupas para usar, mas não voltou em casa porque Alice lavou as que tinha levado. Ela também a viu passar algumas das de Joshua.

Em uma noite, já tarde, Joshua a chamou no quarto. Ele estava sussurrando, mas Rose não sabia por quê. Nem Steven nem Sally subiam para o último andar, e Rose podia ouvir as vozes de Alice e Paul na cozinha.

— Andei pensando.

Rose se sentou na cama de Joshua e procurou ficar à vontade. Desde que tinham ido para lá, os dois haviam conversado bastante a respeito do que acontecera. Falar sobre sua mãe e Brendan fazia Rose se sentir bem. Como se mencionar os nomes deles com frequência fosse uma maneira de mantê-los por perto.

— Sabe aquilo que o Paul falou outro dia? Sobre o meu pai e Kathy estarem escondidos? De alguma forma isso faz todo o sentido e significa que eles vão voltar quando qualquer que seja o perigo que os ameaça acabar. Então é mesmo uma questão de tempo.

Rose fez que sim. Ela esperaria o quanto fosse preciso.

— A questão é que este lar adotivo devia ser temporário. Você sabe, até decidirem o que fazer com a gente.

Rose franziu a sobrancelha. Alice e Paul tinham dito isso para eles quando chegaram, que ficariam ali por pouco tempo, mas Rose não dera muita atenção à conversa porque, para ela, seria mesmo por pouco tempo. Ela voltaria para casa, moraria de novo com a mãe. Mas estavam lá há dez dias.

— O que estou pensando — continuou Joshua — é que devíamos pedir ao Paul e à Alice para nos deixarem ficar aqui por mais tempo... semanas, talvez *meses*... até que seja seguro para papai e Kathy saírem do esconderijo. Assim ficamos perto da escola e não muito longe de casa. Poderíamos voltar lá algumas vezes. Ver se está tudo bem, pegar as nossas coisas. Poderíamos manter a casa arrumada. Talvez eu pudesse até pintar o corredor de cima. Sua mãe estava sempre reclamando com meu pai sobre isso.

Era verdade. Eles tinham discutido algumas vezes sobre o tempo que Brendan estava demorando para pintar o corredor.

— Podemos pensar nisso como se estivéssemos passando um tempo na casa de alguns amigos. E, quando for possível, eles virão nos buscar.

— Sim — respondeu Rose, o coração se animando. — É apenas temporário.

— Eu falo com eles então? Amanhã? Depois que Alice tiver deixado Sally na escola?

Rose assentiu. Nada parecia tão ruim quando Joshua falava.

O futuro era promissor.

VI

No dia seguinte, depois que Alice levou Sally para a escola, a campainha tocou.

— Você deve ser Rose — disse uma mulher jovem. — Sou sua assistente social, Sue Phillips.

— Alice não está — respondeu Rose.

— Tudo bem. Ela sabia que eu viria. Só cheguei um pouco cedo.

Paul apareceu no hall, um passo atrás de Rose.

— Olá, Sue. Entre. Você e Rose podem usar a sala de estar.

— Devo chamar o Joshua? — perguntou Rose.

— Não, Rose, é com você que eu preciso falar — afirmou Sue.

Rose a seguiu até a sala, na parte da frente da casa, que geralmente era ocupada por Sally. Naquele momento estava vazia, e a televisão era apenas uma tela escura. A sala parecia anormalmente silenciosa quando Rose se sentou na ponta do sofá.

— Chá, Sue?

— Não, obrigada, Paul.

A porta se fechou e, pela primeira vez, Rose notou a ausência de Joshua. Em todos os dias desde que seus pais haviam desaparecido, Joshua ficara ao seu lado. Sempre que contavam alguma coisa para os dois, ele estivera ao alcance da mão.

Agora ela estava sozinha. E confusa.

— Rose, não nos conhecemos antes e quero dizer o quanto sinto por sua situação. Pat, a policial responsável pela

comunicação com a família, disse que a polícia ainda não tem novas pistas, e não encontraram sua mãe...

— Ou Brendan. O pai do Joshua.

— Não. E isso é muito triste.

— A polícia acha que eles podem estar escondidos — contou Rose. — Pode só levar um pouco mais de tempo para eles voltarem para casa do que imaginamos a princípio.

— Espero que sim, Rose, mas precisamos pensar no que é melhor para você. E é por isso que estou aqui, entende? Porque tenho uma ótima notícia.

Rose franziu a sobrancelha olhando para Sue Phillips.

— E quanto a Joshua? Por que não está contando para ele?

— A assistente social de Joshua virá falar com ele mais tarde. Eu preciso me concentrar em você.

— Por que não temos a mesma assistente social?

— Bem, porque... Bem, Rose, tenho uma novidade incrível para lhe contar!

Rose se recostou na cadeira e cruzou os braços.

— Estávamos pesquisando a seu respeito, e descobrimos algo muito surpreendente. Você tem uma avó! Não é incrível? Uma avó que nunca conheceu. E ela também não sabia sobre você! Parece que ela e sua mãe tiveram uma briga há muitos anos, antes de você nascer. As duas estão há muito tempo sem se falar, então ela não sabia que tinha uma neta. Foi uma enorme surpresa para ela e está louca para conhecer você. Na verdade, marcamos de irmos à casa dela hoje à tarde. Às três.

A porta se abriu de repente, e Sue se virou. Joshua estava parado. Ele olhou para Rose com ar de quem não estava

entendendo nada, e depois para a assistente social.
— O que está acontecendo? — perguntou.

VII

A viagem até a casa da avó pareceu durar uma eternidade. Ela morava em Belsize Park, North London. Rose foi levada até lá no carro de Sue Phillips. A assistente social falou da avó o caminho todo. O nome dela era Anna Christie. O sobrenome da sua mãe também era Christie antes de ela mudar para Smith. Era uma mulher muito rica, que participava de muitas obras de caridade e estava envolvida com projetos locais de arte, principalmente os ligados à música. A briga entre ela e a filha era um mistério, e a avó estava muito ansiosa para conhecer Rose, mesmo em circunstâncias tão difíceis.

Circunstâncias tão difíceis. Ela estava falando do fato de sua mãe amada, doce e engraçada ter desaparecido.

Rose estava sentada no banco de passageiros, o mais perto possível da janela. Ela não conversou muito com Sue Phillips e a deixou falar sobre a *importância de conservar o relacionamento com pessoas do próprio sangue* e *soluções temporárias para os dilemas atuais.* Joshua conversava com sua assistente social enquanto ela estava fora. O tio que tinha em Newcastle entrara em contato, e queria que Joshua fosse morar com ele por um tempo.

North London era bem diferente do lugar em que moravam. As casas tinham fachadas planas e três ou quatro andares. Rose não gostou daquilo. Quando saíram da estrada movimentada e pegaram uma rua tranquila, ela sentiu a tensão aumentando no ombro. As casas eram enormes e tinham cercas vivas altas na frente. Rose podia ver caixas de alarmes na parte da frente dos

prédios e câmeras nas esquinas. Sue Phillips parou em frente ao número dezessete. Rose desceu do carro, e elas foram até a porta. Sue sorriu para encorajá-la.

— Sua avó pareceu muito gentil ao telefone. Será tão bom você finalmente conhecê-la.

Rose esperou Sue tocar a campainha. Muito tempo se passou sem que nada acontecesse. Será que ela não estava em casa? Rose pensou por um segundo que talvez Sue tivesse se confundido sobre o encontro, e ela poderia voltar para a casa de Alice e Paul. Já ia sugerir isso quando a porta se abriu e uma mulher alta apareceu.

Rose olhou para ela.

Não se parecia em nada com sua mãe. Aquela mulher tinha cabelos lisos emoldurando seu rosto. Todos os fios pareciam do mesmo comprimento, macios e arrumados, como se o cabeleireiro os tivesse medido com uma régua. Na frente, havia uma única mecha grisalha.

— Você deve ser Rose — comentou ela sorrindo.

Rose não sabia o que fazer. Ela devia abraçar aquela mulher que nunca tinha visto? Hesitou e se pegou dando um passo para trás. A mulher ficou surpresa, mas logo caminhou na direção dela, estendendo a mão.

— Pode me chamar de Anna — disse, segurando a mão de Rose e balançando-a energicamente.

VIII

Rose e Joshua passaram os dias que se seguiram planejando.

Os dois voltaram à antiga casa para pegar mais coisas.

Estavam no andar de cima e, quando Joshua saiu do quarto com duas bolsas cheias, disse:

— É só temporário. Vou ficar com o meu tio, e você, com a sua avó. Assim que papai e Kathy puderem sair de onde estão escondidos, ficaremos juntos de novo.

Rose assentiu. Mas se lembrou de quando Joshua dissera que ficariam com Paul e Alice, voltariam para a escola, continuariam perto da antiga casa e a deixariam arrumada para quando os pais voltassem. Joshua pintaria o corredor do andar de cima. Ela olhava para aquele mesmo patamar e via as paredes creme, sujas de tanto as pessoas esbarrarem nelas ao longo dos anos. Tudo continuaria do jeito que estava.

Ela guardou suas coisas, mas fez questão de deixar várias outras lá. Pegou o violino sem se decidir se o levaria ou não. Por fim, resolveu levá-lo e colocou-o por cima da mala. Foi até o quarto de sua mãe e Brendan, alisou o edredom e arrumou as almofadas por cima dos travesseiros. Quando voltassem, ficariam felizes em ver tudo bonito e arrumado.

Na última noite deles no lar adotivo, Paul e Alice fizeram um jantar especial. Steven comeu depressa e deixou a mesa, como sempre. Sally ficou olhando para a televisão sem som durante toda a refeição. Paul e Alice conversaram com Joshua sobre Newcastle e seu tio, que era professor de história. Rose pensou

em sua avó e no aperto de mão. Ela sentira longas unhas contra os dedos e, mais tarde, enquanto a avó mostrava a casa para Rose, ela as observou com atenção. As unhas da avó tinham sido cuidadas e estavam pintadas de rosa-claro, como conchas, e contrastavam com as roupas simples e com a corrente dourada pesada que usava no pescoço.

Ela não se parecia em nada com sua mãe.

Depois que Rose terminou de fazer as malas, foi ao quarto de Joshua. As bolsas dele estavam alinhadas perto da parede e ele assistia à televisão. Joshua abaixou o volume quando ela se sentou ao seu lado na cama. Rose cruzou os braços, o ombro caído.

— Ei, anime-se! Nada mudou. Papai e Kathy ainda estão escondidos.

— Como você pode ter certeza?

— Não encontraram nenhum corpo, Rosie. É por isso que eu sei.

Rose entendeu. Não gostava muito de pensar nisso, *sobre acharem os corpos deles.* Aquilo a fazia pensar em sua mãe imóvel e em silêncio, a pele fria e pálida, como uma boneca. Quando um corpo fosse encontrado, Rose saberia que a mãe nunca mais falaria ou riria das piadas de Brendan, nem fingiria dançar quando Rose tocasse alguma música.

Mas nenhum corpo tinha sido encontrado. E Rose se lembrava da ligação silenciosa que recebera no dia em que chegaram à casa de Paul e Alice. Ela não havia falado sobre aquilo com Joshua: era seu segredo. Podia ter sido sua mãe do

outro lado, ligando apenas para ouvir a sua voz. *Com certeza* ainda havia esperança.

— Assim que chegar a Newcastle ligo para você. E a gente pode manter contato por telefone ou e-mail. Posso também mandar mensagens. Provavelmente serão apenas algumas semanas.

Rose assentiu. É claro que manteriam contato. Eles eram uma família.

— Ainda não entendo por que não podemos ficar aqui.

— Sua avó quer que você fique com ela. Meu tio quer que eu vá morar com ele. São nossos parentes. Sem papai e Kathy, precisamos ficar com eles.

— Mas *nós* somos parentes — disse ela.

— Não, não somos, Rosie. Não de verdade.

Rose olhou para a outra ponta do quarto, os olhos se enchendo de lágrimas. Ela e Joshua tinham ficado juntos por três anos. Ele consertava o computador dela sempre que começava a dar problema. Fazia o chá do jeito que ela gostava: deixando o saquinho dentro da xícara por um minuto e colocando um pouco de leite, sem açúcar. A ajudava com o dever de casa desde que o colégio começara a ficar mais difícil. Ele mandava links de vídeos engraçados do YouTube. E lhe comprara aquele chaveiro com o ursinho, do qual ela debochara na época, mas que adorava secretamente.

— Vamos ficar bem, você vai ver — sussurrou ele.

Se ela ficasse com os olhos bem parados e não piscasse, Joshua não notaria que estava chorando. Ela encarou uma folha de papel no alto da cômoda. Saiu da cama e foi até lá.

— O que é isso? — perguntou ela, de costas para Joshua. E usou o dedo indicador para limpar as lágrimas dos olhos.

— Achei isso na velha mala do meu pai. Estava guardada naquela parte com zíper na frente.

Rose abriu o papel, esticando-o sobre a superfície de madeira.

Era a imagem de uma borboleta. Reconheceu logo qual era. Rose tinha feito um projeto sobre borboletas para a escola quando era mais nova, aprendera os nomes e as colorira.

— É uma *Morpho azul* — disse ela. — Por que isso estava na mala do seu pai?

— Não sei. Ele tinha uma tatuagem.

— Minha mãe também. Mas por que isso estava aqui?

— Não sei.

Rose examinou a figura. Era uma fotografia. A borboleta estava sobre um fundo branco, as asas em perfeita simetria. Rose olhou com muita atenção, impressionada pelo forte tom de azul e a beleza dos desenhos. Mas franziu a testa. Havia algo errado. Quando percebeu o que era sentiu o corpo enrijecer. Havia um alfinete no tórax da borboleta; ela estava morta, presa em um pedaço de madeira.

Joshua tinha aumentado o volume da televisão de novo.

A criatura estava morta, pregada ali para as pessoas verem. Isso a fez sentir um aperto no peito.

— Vem ver esse programa para passar o tempo. É isso que temos que fazer nos próximos dias e semanas. Esperar o tempo passar até eles voltarem para casa. Então poderemos voltar a viver como antes.

Rose se sentou na cama com Joshua. Ele moveu os travesseiros para que ela pudesse ficar confortável. Passou o braço em volta de Rose, e ela apoiou a cabeça em seu peito. Podia ouvir seu coração batendo.

Nenhum corpo tinha sido encontrado. Em algumas semanas todos estariam juntos de novo.

No dia seguinte, ela foi morar com a avó, e Joshua pegou o trem para Newcastle.

Título Original
BLACK DAYS
(Murder Notebooks short story)

Primeira publicação na Grã-Bretanha em agosto, 2013 pela
Bloomsbury Publishing Plc
50 Bedford Square, London WC1B 3DP

Copyright do texto © Anne Cassidy, 2013

O direito moral da autora foi assegurado.

Todos os direitos reservados

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Preparação de originais
LUANA BALTHAZAR e MILENA VARGAS

Coordenação Digital
LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital

JOANA DE CONTI

Revisão de arquivo ePub
MARIANA CALIL

Edição Digital: abril 2014

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

C338d
Cassidy, Anne
Dias sombrios [recurso eletrônico] / Anne Cassidy ; tradução Viviane Diniz. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2014.
recurso digital

Tradução de: Black days
ISBN 978-85-8122-373-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I. Diniz, Viviane. II. Título.

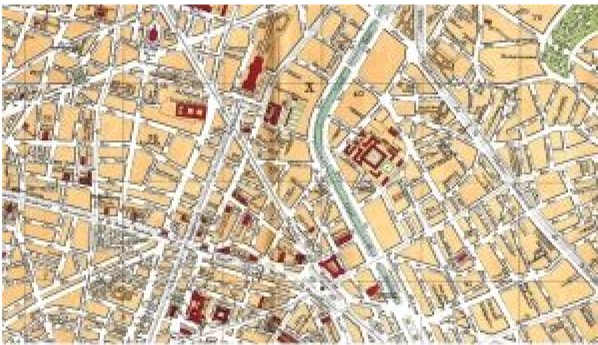
14-10705

CDD: 028.5
CDU: 087.5

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

A Autora

Antes de se tornar escritora, Anne Cassidy foi professora por vinte anos. Seu primeiro livro foi lançado em 1991 e ela já publicou mais de vinte romances para adolescentes e adultos. A autora ganhou o Booktrust Teenage Book e foi indicada para o prêmio Red House Children's Book. Cassidy vive em Essex, na Inglaterra.



PATRICK MODIANO

PARA VOCÊ NÃO SE PERDER NO BAIRRO

Prêmio Nobel de Literatura 2014



Para você não se perder no bairro

Modiano, Patrick
9788581226132
144 páginas

Compre agora e leia

Mais recente romance do ganhador do Prêmio Nobel de Literatura 2014, Patrick Modiano, Para você não se perder no bairro é a saga íntima de um homem em busca da sua identidade. Curto, elegante e hipnótico, como a maioria das obras do autor, o romance conta a história de Jean Daragane, um escritor veterano cuja rotina solitária é alterada após receber a ligação de um desconhecido que alega querer devolver a ele uma caderneta de endereços e telefones. O desconhecido se identifica como o jornalista free-lancer Gilles Ottolini. Está acompanhado de uma jovem, Chantal Grippay, vestida de preto, que logo provoca em Daragane uma emoção inquieta que ele não sabe explicar de onde vem. Ottolini explica então seu interesse na caderneta: nela está anotado o nome de um homem, Guy Torstel, que ele investiga, e cuja história estaria ligada a um assassinato na época do pós-guerra na França. O número do telefone de Torstel está anotado com sua letra, mas o escritor não sabe de quem se trata. Para complicar a situação, é o mesmo nome de um personagem secundário que aparece no primeiro livro de Daragane, publicado muitos anos antes e intitulado No escuro do verão. É a senha para se estabelecer um jogo metaliterário no qual o passado e o presente se cruzam, o real e o imaginário se

fundem.A partir desse encontro inusitado, o relato se transforma quase numa investigação detetivesca. O autor se apropria dos melhores recursos do suspense, e mesmo da literatura e do "film noir", para estabelecer um clima de angústia existencial. O que parecia enterrado volta em forma de mistério a ser decifrado em um túnel do tempo que ecoa o período do colaboracionismo e da ocupação da França pelos nazistas durante a Segunda Guerra. Em 2014, a Rocco relançou três clássicos do escritor laureado com o prêmio máximo da literatura em novo projeto gráfico – Ronda da noite, Dora Bruder e Uma rua de Roma.

[Compre agora e leia]


LUIZA TRIGO
ROCCO
AS VALENTINAS
• UMA HISTÓRIA DE *MEUS* 15 ANOS •

As Valentinas

Trigo, Luiza
9788581223926
24 páginas

[Compre agora e leia]

Bia é uma menina de catorze anos que detesta o dia dos namorados. Ela implica com a data, diz que é apenas um dia comercial, sem nenhuma razão histórica para existir, uma desculpa para se comprar presentes. Porém, Bia, no fundo, não gosta desse dia apenas porque nunca teve um namorado para comemorar a data. Ela e suas amigas são as nerds da escola e acham que nunca irão namorar.No dia dos namorados ela acorda de mau humor e TPM, mas ainda assim decide fazer uma surpresa romântica para seus pais: preparar, com a ajuda da melhor amiga, uma jantar para os dois, com direito à decoração romântica.Na ida para o colégio ela é surpreendida por seu melhor amigo, Bruno, que a entrega uma rosa de presente. Ela fica irritada com a provocação e eles discutem sobre a irritação dela. Bia explica por que gosta do Dia de São Valentim e conta a história do santo. Ela não vê sentido em comemorar o dia dos namorados, mas gosta do Dia de São Valentim.Na escola, Bia e suas melhores amigas – Amanda, Priscila, Carol e Roberta – decidem afogar as mágoas do dia dos namorados fazendo uma "noite das solteiras". Ou seja, passar a noite juntas jogando jogos, comendo muitos doces e conversando.As meninas se reúnem, se divertem, falam de garotos

e acabam conversando sobre a festa de 15 anos de Bia, que será realizada dentro de um mês. Todas querem saber os detalhes da grande festa, mas Bia mantém segredo e vai dormir feliz e de bom humor por ter a amizade de suas "valentinas".

Compre agora e leia


A CAIXINHA
MÁGICA
Luiza Trigo

A caixinha mágica

Trigo, Luiza
9788581223285
23 páginas

Compre agora e leia

Priscila tem uma vida bem diferente de todas as outras meninas de sua idade. Quando mais nova, perdeu os pais e passou a viver em um orfanato, afastada de tudo e todos com quem teve contato um dia. Mas aos doze anos, na noite de Natal, uma surpresa muda a sua vida e a maneira de relembrar o passado e de imaginar o futuro, fazendo-a ser ainda mais especial. O que será que aconteceu naquele Natal? A caixinha mágica é um conto especial da autora Luiza Trigo que traz fantasia e diversão; assim como todo Natal deve ser.

Compre agora e leia


Helena Gomes
O Primeiro Guerreiro
Uma história da série
A Caverna de Cristais
ROCCO

O primeiro guerreiro

Gomes, Helena
9788581224671
36 páginas

[Compre agora e leia]

Conheça a história de Kirian, o primeiro dos guerreiros eloras que renasceram no reino medieval de Britanya. Filho de Couchet, última bruxa da Ilha Média, e tendo como mentor o misterioso elfo, Razeel, o rapaz terá seu primeiro e definitivo confronto com os temidos nergals. O primeiro guerreiro, sequência de A herança da bruxa, é uma história da série A Caverna de Cristais, uma das sagas de fantasia/ficção científica pioneiras dentro da promissora literatura fantástica brasileira. Helena Gomes já tem mais de vinte obras publicadas, algumas delas selecionadas para programas de leitura como o PNBE, e recebeu distinções importantes, como o selo Altamente Recomendável da FNLIJ.

[Compre agora e leia]


FUI UMA BOA MENINA?
Carolina Munhóz

Fui uma boa menina?

Munhóz, Carolina
9788581223278
19 páginas

Compre agora e leia

Nestas páginas de diário, uma adolescente fora do comum escreve sobre seus dramas e conflitos familiares ao mesmo tempo corriqueiros e excepcionais, em uma narrativa envolvente, cheia de suspense e, claro, com o toque de fantasia característico de Carolina Munhóz, que vem conquistando jovens leitores por todo o Brasil.Fui uma boa menina?, conto de estreia da autora na editora Rocco, é um presente de Natal para todos os fãs.

Compre agora e leia